

**Inventariar, digitalizar, guardar:  
A preservação da história da educação no Sul de Santa Catarina**

Giani Rabelo\*  
Marli de Oliveira Costa\*\*

**Introdução**

Os/as pesquisadores/as e os/as historiadores/as da educação, mais especificamente, estão se deparando, cada vez mais, com documentos digitalizados em suas práticas investigativas. Para Valente (2005, p. 187), isto vem ocorrendo devido ao fato de que “são os problemas relativos à preservação do patrimônio documental e sua progressiva deterioração que vêm motivando iniciativas em todo o mundo de elaboração de bibliotecas e acervos virtuais”. Neste sentido, as mídias digitais, a partir do acesso cada vez maior à *internet*, têm possibilitado consultas a sítios criados com o objetivo de preservar e divulgar fontes e documentos, ampliando significativamente as possibilidades de pesquisa nos acervos de história da educação.

Ao constatarmos que a *Internet* tem sido reconhecida como um novo recurso para assegurar o acesso à documentação/informação e, ao mesmo tempo, termos percebido que a construção de *sites* é vista como alternativa para o fortalecimento das pesquisas no campo da História da Educação, inclusive envolvendo Centros de Memória e Museus Virtuais, é que nós, membros do GRUPEHME - Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação, resolvemos implantar o CEMESSC - Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina. Este projeto vem sendo desenvolvido desde 12/03/2009, devendo o sítio estar disponível em março de 2012. Conta com recursos do CNPq (Edital MCT/CNPq nº 42/2007 - Difusão e Popularização da C&T) e da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, através de programas de apoio à pesquisa.

---

\* Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC/Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME/e-mail: gra@unesc.net

\*\* Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC/Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME/e-mail: moc@unesc.net

O interesse em implantar o CEMESSC surgiu em função dos membros do referido grupo estarem, desde 2001, desenvolvendo inúmeros projetos, buscando (re) construir a história das instituições escolares, principalmente aquelas localizadas na região sul do estado de Santa Catarina. Os pesquisadores, avaliando o trabalho desenvolvido durante esse percurso de mais de nove anos, chegaram à conclusão de que uma das maiores dificuldades encontradas foi a inexistência de documentos textuais e iconográficos referentes ao período de existência dos estabelecimentos escolares, havendo uma forte cultura do descarte de documentos, principalmente dos mais antigos. Portanto, na avaliação destes, há um processo significativo e, ao mesmo tempo, temeroso de destruição dos acervos escolares.

O GRUPEHME optou por um centro virtual por entender que os documentos e objetos não devem ser retirados das escolas, pois deste modo não estaria contribuindo para uma cultura de preservação e valorização do patrimônio escolar. Nesse sentido, o intuito é o de criar uma cultura científica, junto às comunidades escolares e acadêmicas, voltada para a preservação do patrimônio educativo das instituições escolares, pautando-se em uma concepção de história da educação que busca a valorização de todos os sujeitos envolvidos no processo de escolarização, ou seja, uma perspectiva da história social em diálogo com a história cultural.

O CEMESSC tem como objetivos contribuir para o fortalecimento de uma cultura científica voltada a história da educação junto às comunidades escolares das escolas estaduais do Sul de Santa Catarina; oportunizar a construção da história dos estabelecimentos escolares de forma interativa com as comunidades escolares; proporcionar experiências educativas para que as comunidades escolares se sensibilizem sobre a importância da preservação do patrimônio histórico escolar, apoiadas em atividades interativas e lúdicas; oportunizar aos usuários do CEMESSC contato com os novos conhecimentos científicos e tecnológicos, que interagem com a história e a memória e ampliar o número de pesquisas acadêmicas no campo da História da Educação, em nível de graduação e pós-graduação

## **Algumas reflexões sobre a contribuição da mídia digital e as pesquisas no campo da história da educação**

De acordo com Razzini (2008), os anos de 1990 foram férteis na organização de bancos de dados informatizados, no entanto havia restrições no acesso que com a inovação de novas tecnologias foram sendo superadas.

Quando se tornou possível o desenvolvimento de bancos de dados em plataformas para a internet, com linguagens e transmissão de dados cada vez mais rápidos e leves, enquanto máquinas, programas e suportes de armazenamento ficavam cada vez mais potentes e capazes de guardar e transmitir quantidades imensas de dados.(RAZZINI, 2008, p. 141-142).

Essa prática tem a ver com o movimento de alargamento dos temas abordados na história da educação atualmente e que, aos poucos, contribuiu para a ampliação do uso das fontes, uma vez que os documentos oficiais mostram-se insuficientes para o conhecimento das práticas realizadas no cotidiano escolar e suas nuances.

A experiência moderna digital tem levado a concordância de que a digitalização é uma das alternativas mais eficientes e seguras para se guardar e consultar amplas quantidades de documentos, uma vez que ela converte imagens do papel para arquivos em meio eletrônico. Não podemos negar as vantagens do armazenamento em meio eletrônico, como: “redução de áreas de arquivamento, redução no tempo de recuperação da informação, rapidez para atualização dos dados, possibilidade de acesso por mais de um usuário, possibilidade de manter cópias de segurança” (MARTINS, REINEY, PIRES, 2010, p. 3-4). No entanto, é preciso saber que não existem somente vantagens neste processo, as desvantagens são “constantes mudanças de mídia com custos associados imprevisíveis, obrigatoriedade da existência de equipamento e *software* para recuperação do dado, e inexistência de valor jurídico” (MARTINS, REINEY, PIRES, 2010, p. 3-4).

Mesmo reconhecendo as vantagens e desvantagens da digitalização de documentos, há de se considerar que se trata de um mecanismo bastante importante para

o desenvolvimento dos estudos na área da história da educação, principalmente no que diz respeito à possibilidade de acesso por vários pesquisadores/as. Valente ao comungar desta ideia exprime:

Essa forma de trabalho busca romper com práticas de pesquisa individuais que, após utilizarem materiais e documentos, selecionados cuidadosamente, para dar sustentação empírica às teses, dissertações e monografias, abandonam essas fontes à sua própria sorte, dificultando sobremaneira o seu uso por outros pesquisadores. Desse modo, a todo tempo, torna-se necessário refazer o trajeto que pode levar a tais materiais. Porém, nem sempre é possível encontrá-los uma vez mais nas mesmas condições de utilização, tampouco nos mesmos lugares. Explica-se: processos de deterioração, mudanças físicas de locais de guarda, por exemplo, apagam, às vezes por completo, o caminho de acesso aos documentos (VALENTE, 2005, p.177).

Porém, se faz necessário banir a noção de que a digitalização deva “conduzir à relegação ou à destruição dos objetos impressos do passado”, como aponta Chartier (2002, p. 28).

[...] com as possibilidades e promessas da digitalização, a ameaça de outra destruição não se afastou definitivamente. Como leitores, como cidadãos, como herdeiros do passado, devemos, pois, exigir que as operações de digitalização não ocasionem o desaparecimento dos objetos originais e que seja sempre mantida a possibilidade de acesso aos textos tais como foram impressos e lidos em sua época (CHARTIER, 2002, p. 29).

As iniciativas de salvaguardar a produção cultural das escolas se dão pelo fato da constatação da escassez dos acervos escolares. Não existe o hábito da guarda da materialidade produzida nas escolas. Cadernos de planos de aula são descartados todos os anos, muitas escolas queimam papéis antigos com a justificativa de que são “velhos”. Guardou-se muito pouco dos registros oficiais das escolas e praticamente nada das

produções escolares dos/as professores/as e alunos/as. Essa prática tem prejudicado em grande medida a “memória da educação” escolar, uma vez que as práticas das gerações anteriores desaparecem com o descarte desses arquivos.

Dominique Julia (2001) concebe a cultura escolar como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. O autor ainda entende que a cultura escolar “não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou popular” (JULIA, 2001. p.10).

Para o autor, analisar a cultura escolar dos estabelecimentos escolares, por meio de seus documentos, implica considerar as relações culturais operadas nos educandários em direção a outros campos sociais, suas formas e conteúdos e, inversamente, as transferências culturais operadas a partir de outros setores em direção aos educandários (JULIA, 2001, p.37).

Ainda sobre este conceito, acrescentamos o pensamento de Viñao Frago (2004), para quem a cultura escolar configura-se como um conjunto de idéias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo das instituições educativas, uma vez que no interior delas são produzidas maneiras de pensar e de agir, que propiciam aos envolvidos nas práticas escolares “estratégias e pautas para desenvolver tanto nas aulas como fora delas”, atitudes, modos de vida e de pensar, materialidade física, hábitos, objetos e ritos escolares.

Nesta perspectiva, o mundo material, ou melhor, os vestígios materiais oferecem um terreno fértil para a compreensão da materialidade das relações que são construídas historicamente no cotidiano da escola e fora dela. Entre esses vestígios encontram-se os documentos textuais e iconográficos, que fazem parte do arquivo escolar, os utensílios escolares – mobiliários, materiais pedagógicos, manuais didáticos e tantos outros-, bem como a arquitetura dos edifícios escolares.

O trabalho sobre um acervo escolar exige, dos pesquisadores da educação, uma profunda reflexão, tamanha é a sua importância para as investigações que se propõe a adentrar no espaço escolar e compreender a cultura escolar ali instaurada.

Concordamos com Maria João Mogarro (2004, p. 72), quando ela sugere que

Eles possuem informações que permitem introduzir a uniformidade na análise realizada sobre os vários discursos que são produzidos pelos actores educativos – professores, alunos, funcionários, autoridades locais e nacionais têm representações diversas relativamente à escola e expressam-nas de formas diversificadas. O arquivo, constituindo o núcleo duro da informação sobre a escola, corresponde a um conjunto homogêneo e ocupa um lugar central e de referência no universo das fontes de informação que podem ser utilizadas para reconstruir o itinerário da instituição escolar. O cruzamento que se estabelece entre os dados obtidos, através da análise dos documentos de um arquivo escolar, permitem realizar correlações estreitas entre as diversas informações (também obtidas em fundos documentais externos à escola), revelando um elevado índice de coerência e lógica internas do fundo arquivístico e o papel central dos seus documentos para a compreensão da organização e funcionamento da instituição que os produziu.

Os registros documentais do passado trazem vestígios das práticas escolares instituídas historicamente, assim, a guarda e a preservação dos mesmos possibilitam a realização de pesquisas sobre a trajetória histórica dos educandários e, também, sobre as práticas desenvolvidas no seu interior. Estes vestígios para os historiadores da educação informam sobre a vida escolar, mais precisamente sobre a cultura escolar constituída em diferentes movimentos históricos, em distintos lugares, mas estas fontes podem, do mesmo modo, ser transformadas em objetos de pesquisa, no campo da história da educação. Cabe ressaltar, no entanto, que o projeto do CEMESSC não intencionou problematizar as fontes, mas localizá-las, sistematizá-las, organizá-las e, principalmente, socializá-las, facilitando o trabalho de futuros/as pesquisadores/as.

### **Percurso do projeto do Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina – CEMESSC**

Iniciamos inventariando as primeiras escolas estaduais do sul de Santa Catarina, procurando identificar sua localização, além de registrar os indícios de suas histórias.

Posteriormente fizemos as visitas *in loco* nos estabelecimentos de ensino com o objetivo de apresentar o CEMESSC às equipes gestoras e solicitar autorização para que os prédios escolares, mobílias e objetos fossem fotografados e os documentos escritos e iconográficos, considerados mais antigos e com relevância histórica, digitalizados. Consideramos nessa pesquisa documentos com relevância histórica aqueles que apresentam um significado especial para a escola e que, por esse motivo foram guardados. Entendemos que todos os documentos possuem valor histórico, no entanto, em virtude do grande volume de algumas fichas de matrícula, livros caixas e outros similares, optamos metodologicamente em escolher alguns exemplares por décadas, levando os futuros navegadores do sítio a entrar em contato com a organização escolar do período.

Até o presente momento praticamente todas as escolas já foram visitadas e tiveram seus objetos, arquitetura e documentos digitalizados e fotogrametizados. Para que fosse possível digitalizar os documentos de diferentes dimensões e tipologias os deslocamos das escolas e fizemos todo o trabalho na universidade em equipamentos adequados (*scanner*).

No primeiro ano de execução do projeto, apesar da forte cultura do descarte foi encontrada uma diversidade de documentos que resistiram ao tempo, como: fotografias, hinos e históricos escolares, livros de matrícula, cadernos de desenho, fichas de alunos, livros-ponto. Somam-se a esses documentos vários livros de atas de: reuniões pedagógicas, conclusão de cursos, das APPs- Associações de Pais e Professores, dos Centros Cívicos, dos Grêmios Estudantis, dos Caixas Escolares, das Associações das Bibliotecas, dos Clubes Agrícolas, dos Clubes de Leitura, dos Jornais Escolares, dos Pelotões da Saúde, das Ligas da Bondade, das Ligas Pró-língua Nacional, de Exames Finais, dos Termos de Visitas dos Inspectores. Do mesmo modo, inventariamos, também, vários livros de registros: de Notas das Sabatinas, de Correspondência, de Honra ao Mérito, de Comunicações aos Pais, de Portarias e Decretos de Professores, de Avisos entre outros.

Os documentos encontrados e digitalizados nas escolas apresentam-se como “vestígios”, “pistas” como coloca Ginsburg (1989) sobre a forma como os processos educacionais foram elaborados, repassados e consumidos por professores, alunos e a comunidade escolar.

No processo de aproximação em relação à cultura escolar construída nos diferentes estabelecimentos abarcados no CEMESSC, foi necessário considerar que os objetos, arquitetura, documentos e fotografias digitalizados passassem por uma seleção dos/as pesquisadores/as. No entanto, esta seleção não se deu apenas nesta etapa, pois a guarda de alguns objetos e o descarte de outros ocorreu durante toda a existência da escola. Alguns documentos foram guardados em função de sua importância oficial, outros devido a certa “consciência histórica” dos que administraram a escola em outros tempos. Quanto a eliminação de certos registros leva-se em conta a cultura do descarte, o entendimento da falta de valor do documento e algumas catástrofes como enchentes e incêndios. Depois de termos feito um acordo com as escolas, oficializado por meio de um Termo de Compromisso, deslocamos os documentos selecionados, por nós, para um dos laboratórios de informática da Unesc. Este procedimento foi adotado para assegurar maior qualidade no processo de digitalização, pois na universidade há disponibilidade de um escâner mais apropriado para este fim. Antes de serem digitalizados, houve a remoção manual de encadernações, grampos e cliques, fitas adesivas além do conserto de páginas rasgadas dos documentos (quando possível). Na sequência, os documentos foram pré-classificados em arquivos específicos.

Logo após o procedimento da digitalização, foi realizada a compactação das imagens digitalizadas, que reduzem os tamanhos para armazenamento e transmissão.

O próximo passo será a identificação destes documentos o que exigirá um trabalho moroso, pois todos os documentos terão que ser catalogados a partir de termos que representem seu conteúdo, a fim de viabilizar sua procura a partir de um sistema de busca.

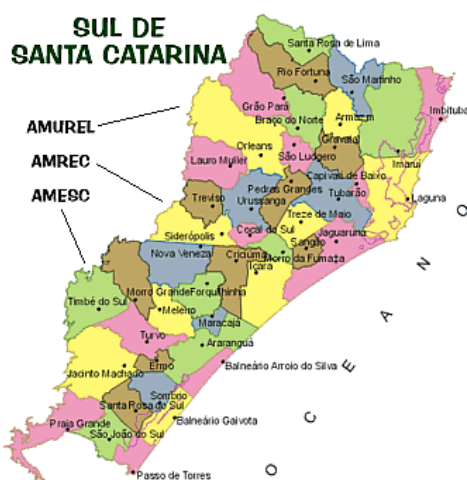
Paralelamente a este procedimento, o sítio e seu funcionamento estarão sendo pensados pelos pesquisadores em parceria com o Departamento de Tecnologia da Informação da UNESCO. Os documentos a serem disponibilizados no CEMESSC ainda passarão por uma análise criteriosa dos coordenadores do projeto, pois entendemos que há documentos que não devem ser disponibilizados, devido ao conteúdo que poderá gerar situações constrangedoras e anti éticas

A partir da alimentação dessa ferramenta, os/as pesquisadores/as selecionarão os documentos que venham ao encontro de suas problemáticas de pesquisa a fim de proceder com a análise documental, tendo como base os referenciais teóricos construídos por eles.



## Abrangência do CEMESSC

O CEMESSC visa atingir 46 escolas, sendo 11 localizadas nos municípios que fazem parte da Associação dos Municípios do Municípios da Região Carbonífera - AMREC<sup>1</sup>, 17 da Associação de Municípios da Região de Laguna - AMUREL<sup>2</sup> e da Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense - AMESC<sup>3</sup>.



<sup>1</sup> Cocal do Sul, Criciúma, Forquilha, Içara, Lauro Muller, Morro da Fumaça, Nova Veneza, Orleans, Siderópolis, Treviso e Urussanga.

<sup>2</sup> Armazém, Braço do Norte, Capivari de Baixo, Grão Pará, Gravatal, Imaruá, Imbituba, Jaguaruna, Laguna, Pedras Grandes, Rio Fortuna, Sangaão, Santa Rosa de Lima, São Ludgero, São Martinho, Treze de Maio e Tubarão.

<sup>3</sup> Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Sombrio, Timbé do Sul Turvo.

Nas regiões mencionadas buscamos envolver todos os estabelecimentos escolares estaduais localizados nos municípios do Sul de Santa Catarina, mencionados anteriormente. Além das escolas a UNESCO integra o Centro de Memória por meio: da estrutura física que abrigará o Centro, a estrutura virtual e a disposição da professora coordenadora do projeto, além da disposição de outras professoras pesquisadoras. Acreditamos que durante o processo de construção do site, outras Instituições de Ensino Superior que desenvolvem pesquisas e possuem acervos na área de História da Educação, poderão integrar-se no projeto.

Com a implantação do CEMESSC esperamos contribuir para o fortalecimento da cultura de valorização da história dos estabelecimentos escolares por parte de todos os segmentos das comunidades escolares, ou seja, gestores/as, professores/as, funcionários/as, alunos/as e pais. Para alcançar este fim, proporemos às comunidades escolares uma forma interativa para a construção do histórico dos educandários, levando assim a participação dos mesmos. Uma atividade que contribuirá nesse processo é a divulgação do CEMESSC para as secretarias regionais de educação do sul de Santa Catarina e estabelecimentos de ensino públicos e particulares, por meio de materiais impressos (*folder*), no sentido de sensibilizar as comunidades escolares envolvidas, principalmente alunos/as e professores/as a realizarem pesquisas sobre a história dos educandários.

O CEMESSC, além de oferecer visibilidade às experiências que estão de certa forma ocultas, oportunizará o envolvimento de gestores, professores/as, alunos/as e pais na busca reconstrução da história desses estabelecimentos.

No âmbito acadêmico desenvolveremos projeto de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e dissertações no campo da História da Educação. Buscaremos oferecer oportunidade de ampliação do número de pesquisas acadêmicas que tratem de aspectos relacionados à História da Educação do sul de Santa Catarina. Também divulgaremos o CEMESSC em eventos científicos nacionais e internacionais e produziremos e publicaremos artigos científicos para as revistas da área de História da Educação.

## **Desdobramentos: o acervo digital gerando pesquisas**

O acervo do CEMESSC constitui-se como base de dados para várias pesquisas no campo da História da Educação, uma vez que nos informará sobre a vida escolar, mais precisamente sobre a cultura escolar e práticas escolares, constituídas em diferentes movimentos históricos, em distintos lugares. No entanto, isso só se materializará se, os pesquisadores, lançarem questões a esse conjunto de documentos. Por esse motivo, na análise de todo o acervo os pesquisadores não devem partir do “horizonte documental” e sim do “horizonte histórico”, ou seja, de problemas históricos, pois o trabalho documental e o trabalho de pesquisa são faces da mesma moeda, como afirma Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1999).

Um documento só se torna um documento histórico quando o pesquisador o problematiza, o interroga, buscando transformá-lo de um indício, para problemas históricos. Além disso, todo documento, seja ele escrito, oral, iconográfico ou material, é um monumento. Para Le Goff (2003), todo documento tem em si um caráter de monumento, pois não existe memória coletiva bruta. “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder”. (LE GOFF, 2003, p. 545).

Recentemente um grupo de pesquisadores/as, entre eles as professoras que coordenam o CEMESSC, aprovaram um projeto de pesquisa no âmbito Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES nº 02/2010 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas, tendo como problema central os conhecimentos que a memória escolar, salvaguardada pela tecnologia digital, pode suscitar sobre as práticas escolares das escolas públicas do sul de Santa Catarina, tendo como *lócus* os documentos digitalizados das escolas estaduais da AMREC. Lançou-se questões aos documentos a partir dos focos de pesquisa que estão vinculados aos grupos dos quais fazem parte, bem como à Linha de Pesquisa “Educação, Linguagem e Memória” do Programa de Pós-Graduação em Educação/UNESC. As problematizações, com as respectivas questões de pesquisa, foram as seguintes:

**a) Os livros de leitura e sua recepção:** trata-se da investigação da Série Fontes. Conjunto de 04 livros publicados pelo Governo de Santa Catarina entre 1925 a 1950 e que foram distribuídos em toda a rede pública desse estado e que se encontram no acervo digitalizado. A história dos livros está correlacionada à história das leituras desses impressos; portanto, neste estudo, as leituras em análise serão as memórias de pessoas que, quando crianças, na condição de aluno/a, tiveram acesso a série. Questiona-se: como os sujeitos que tiveram contato com a Série Fontes, formando comunidades específicas de leitores, foram interpelados e interpelaram os conteúdos dos textos?

**b) As regras de civilidade e a educação escolarizada:** a história das boas maneiras está diretamente relacionada às regras de civilidade, envolvendo não somente a questão da etiqueta, como também à moral, aos valores, aos preceitos religiosos, apresentando-se na relação dos sujeitos consigo mesmos e com o outro. As regras de civilidade têm atravessado a educação escolarizada, seja pelos Manuais de Civilidade, propriamente dito, ou pelos materiais didáticos, regimentos escolares, critérios de avaliação dos alunos, conteúdos ministrados em salas de aula ou documentos oficiais das escolas entre outros. Pretende-se investigar como essas regras são evidenciadas no acervo documental que será o lócus deste projeto de pesquisa pautando-se para tal reflexão principalmente nas obras de Norbert Elias (1994), em especial, “O processo Civilizador”, junto a qual se faz uma reflexão a respeito das transformações das estruturas sociais e de personalidade ao longo do tempo. Diante disso tem-se a seguinte questão: como as regras de civilidade se evidenciam nos documentos escolares dos educandários e que sujeitos almejavam-se construir?

**c) Uso da memória, resguardada por meio de registros junto às escolas, para o estudo da língua:** esse tipo de investigação exige qualificação por parte do pesquisador com vistas a lidar com documentações esparsas, cujos registros revelam parte da memória escolar por meio da qual podemos obter indícios da língua em uso naqueles contextos (possíveis variações e indícios de mudanças). Olhar para o passado, focalizando os dados empíricos da língua em uso, ajuda-nos a compreender os fenômenos no presente, como, por exemplo, entender variações como heranças do

passado. O posto aqui se pauta em estudos de Mattos e Silva (2006), para quem o português escrito, representação do falado, move-se independentemente dos gramáticos e do ensino do português padrão nas escolas.

Esta investigação, então, dar-se-á com base nas contribuições da sociolinguística laboviana mediadas por discussões ligadas à linguística histórica e aplicada. Todas contribuirão para descrever, entender e explicar, com base nos registros, a correlação entre língua e educação.

O propósito que se coloca para esta investigação diz respeito aos modos de produção e circulação que se apresentam junto aos gêneros textuais escolares, salvaguardados pela memória escolar, a partir dos quais se pretende desvelar os conceitos relativos ao ensino de língua e a sua concepção, cuja formulação se desdobra nas seguintes questões: os registros deixam entrever as variedades linguísticas em uso, como um uso que a identificava com o padrão da região formava uma espécie de bandeira linguística? Somado a essa questão, coloca-se outra: a concepção de ensino de língua considerava a variedade padrão em uso ou focalizava única e exclusivamente aspectos gramaticais, apagando as marcas discursivas? ii) focalizava, ainda, o desenvolvimento da autoria nos momentos de produção textual? E, por fim, iii) computava durante o processo quais as plataformas usadas?

**d) Língua e nação: a construção da identidade nas atas da Liga Pró-Língua Nacional:** As Ligas Pró-Língua Nacional eram organizações estudantis que funcionavam sob orientação dos professores e que tinham como objetivo estimular o sentimento patriótico e o cultivo da língua portuguesa. Originalmente um projeto inaugurado por Getúlio Vargas, sua presença na escola é verificada até o início dos anos de 1970 e suas atividades ocorriam extraclasse.

Nesta investigação, algumas categorias bakhtinianas como gêneros discursivos, polifonia, dialogismo e enunciado serão utilizadas para análise do material selecionado, em articulação com conceitos-chave dos Estudos Culturais, como identidade, alteridade, discursividade, narratividade e performance. Interessa saber como os discursos de nação, país e povo permeiam as atividades estudantis daquele período. Interessa também verificar até que ponto as atividades das ligas e os textos ali produzidos interagem com os eventos nacionais daquele período, a saber: o golpe militar de 1964, a

repressão política que se seguiu, os movimentos de colonização da Amazônia, defesa nacional, expansão econômica, urbanização das cidades e a defesa do interesse nacional.

Como foco de análise, buscar-se-á estudar os principais discursos que atravessam esses materiais, as várias vozes que os tecem, privilegiando indícios de discursos cívicos, religioso, político e de educação moral, a partir do aparato teórico oferecido por Mikhail Bakhtin em diálogo com Stuart Hall e os demais representantes dos Estudos Culturais. A expectativa é que, ao longo deste trabalho, fiquem evidentes os vínculos entre os textos das atas e os principais fatos que ocorriam no país naquele momento. Espera-se, ainda, revelar o caráter monológico ou polifônico desses textos bem como as diferentes camadas discursivas que os compõem e os traços mais ou menos explícitos da construção de uma identidade cultural brasileira. Diante disso, questiona-se: quais as concepções de linguagem, identidade e pátria que estão presentes nas atas da Liga Pró-Língua Nacional?

**e) Amor à pátria, amor a terra: a sensibilidade ambiental na experiência pedagógica dos Clubes Agrícolas implantados na região sul de Santa Catarina na década de 1940:** mesmo aspirando ao ideal da sociedade moderna e industrial, até a primeira metade do século XX o Brasil era um país predominantemente rural e agrícola, assim como o estado de Santa Catarina. Com uma população majoritariamente vivendo no meio rural, Getúlio Vargas e o governo catarinense implementaram políticas públicas de educação para a juventude rural. Neste aspecto, no período de 1930 a 1960, Santa Catarina foi um dos principais estados da União em que a experiência dos Clubes Agrícolas foi relativamente ampla e duradoura. Dentre os principais objetivos pedagógicos e ideológicos – como incutir sentimentos de amor à pátria, disciplina para o trabalho agrícola e racionalidade econômica para a produção comercial-, os Clubes Agrícolas também preconizavam valores e atitudes de amor à natureza e ações pedagógicas voltadas para a formação da consciência para preservação de florestas e proteção de animais.

Algumas pesquisas já investigaram aspectos políticos, econômicos e educacionais inseridas nas políticas de educação para a população do meio rural deste período. Poucas, no entanto, tiveram como propósito investigativo a análise histórica da sensibilidade ambiental contida na experiência pedagógica dos Clubes Agrícolas. Por

isso, propõe-se uma pesquisa com abordagem de História e Educação Ambiental, tendo a seguinte questão: no caso da experiência dos Clubes Agrícolas, implantados nas escolas públicas da região sul de Santa Catarina na década de 1940, que tipo de sensibilidade ambiental e concepções de natureza podemos perceber nos manuais de educação e nas ações pedagógicas destes clubes?

Esses estudos se apresentam como as primeiras possibilidades de interrogação dos documentos expostos no Centro de Memória, acreditamos que outras pesquisas emergirão por parte dos pesquisadores envolvidos e por parte de outros pesquisadores da história da educação.

O CEMESSC não só preservará, em meio digital, o acervo documental e material das 46 escolas da rede estadual de educação do sul de Santa Catarina, mas será um meio eficaz para a divulgação destas fontes, tanto para o meio acadêmico, quanto para a comunidade escolar.

Além de dar visibilidade às experiências construídas no espaço escolar em diferentes espaços e temporalidades, o CEMESSC possibilitará o envolvimento dos diferentes sujeitos da comunidade escolar no processo de reconstrução da história dos educandários abarcados pelo projeto.

No âmbito acadêmico, o CEMESSC suscitará projetos de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e dissertações no campo da História da Educação.

Trata-se de um projeto inovador e instigante, mas ao mesmo tempo temeroso, pois estamos lidando com uma linguagem ainda muito desconhecida para nós do campo da educação. Por sua natureza, o CEMESSC vem exigindo de seus idealizadores e pesquisadores a busca de conhecimentos, técnicas até então desconhecidas, bem como parcerias com outras áreas do conhecimento, principalmente no campo da informática.

Mesmo reconhecendo as vantagens da digitalização e da foto digitalização dos documentos, temos consciência das barreiras que ainda poderemos encontrar futuramente, uma vez que “os processadores, os programas, os suportes, enfim, todo o aparato informático está constantemente em mutação, o que obriga uma contínua

atualização da parafernália digital, sob o risco de não haver mais como consultar um determinado documento armazenado num suporte antigo” (RAZZINI, 2008, p. 147).

Preservar os acervos documentais das escolas não nos desobriga da responsabilidade em contribuir para a preservação dos documentos impressos e de objetos escolares, por isso a necessidade de pensarmos em ações que atuem no campo da preservação do Patrimônio Escolar, sensibilizando os vários sujeitos para a guarda da materialidade produzida nas escolas.

## Referências

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**, 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FEIJÓ, Virgílio de Mello. **Documentação e arquivos escolares**. Porto Alegre, Sagra, 1988.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como objeto histórico**. In: Revista Brasileira de História da Educação. São Paulo: Editora dos Associados, 2001.

LE GOFF, J. 1996. **História e memória**. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

MARTINS, Neire do Rossio; REINEY, Alice; PIRES, Reinaldo. **Digitalização de documentos**. 2001. Disponível em: <[http://www.powerbrasil.com.br/pdf/Digitalizacao\\_Unicamp.pdf](http://www.powerbrasil.com.br/pdf/Digitalizacao_Unicamp.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2010.

MOGARRO, Maria João. Os arquivos escolares: realidades e perspectivas na educação portuguesa. Livro de Resumos do **V Congresso Luso Brasileiro de História da Educação**. Évora, Portugal, 2004.

RIZZINI, Marcia de Paula Gregorio. Acervos e pesquisas em história da educação: das vitrines do progresso aos desafios da conservação digital. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 131-151, Maio/Ago 2008. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>. Acesso em: 10 dez 2010.

VALENTE, W. R. **Arquivos escolares virtuais**: considerações sobre uma prática de pesquisa. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 175-192, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Culturas escolares, reformas e innovaciones**: entre la tradición y el cambio. (texto divulgado pelo autor e ainda não publicado), 2000.